

Título: Quando o território fala: a escuta ativa como eixo do planejamento na Atenção Primária à Saúde

Autor(es): Maria Victória Ferreira de Souza Vieira da Cunha, Claudia Deniz Romanzini, Erika Uehara Higa, Eurides da Cruz Macedo, Elisangela Marina Paulino, Elaine Larrussa.



Introdução

A Atenção Primária à Saúde (APS), ordenadora das redes e coordenadora do cuidado no SUS, demanda compreensão do território como espaço vivo, que produz saúde, sofrimento e resistência. Nesse cenário, a escuta qualificada é fundamental para captar necessidades reais e modos de vida da população. Quando sistematizada e compartilhada, torna-se ferramenta estratégica para vigilância, planejamento e cogestão. Este trabalho apresenta a experiência da UBS Continental, em Guarulhos/SP, que adota a escuta ativa como eixo estruturante do cuidado e do planejamento.

Objetivo



Relatar a experiência da equipe na utilização da escuta ativa para reorganizar o processo de trabalho, qualificar ações coletivas e fortalecer a participação comunitária e intersetorial.



Metodologia

A partir de janeiro de 2025, a equipe incorporou a escuta como prática transversal, desenvolvida em diferentes dispositivos: acolhimentos com classificação de risco, visitas domiciliares de agentes comunitários e profissionais, reuniões semanais, grupos temáticos (saúde mental, gestantes, doenças crônicas, puericultura), rodas de conversa e escutas abertas. As demandas emergentes são registradas, sistematizadas em espaços de cogestão interna e apresentadas ao Conselho Gestor, ampliando a escuta institucionalizada e comunitária. O processo visa identificar necessidades explícitas e ocultas, como barreiras de acesso, sofrimento psíquico e situações de violência.

Resultados



A sistematização das escutas permitiu identificar fragilidades e iniciar mudanças no serviço: reorganização de horários de acolhimento, criação de fluxos específicos em saúde mental, reestruturação de grupos, articulação com escolas e CEUs e pactuações com a gestão local. Houve ampliação do vínculo com usuários, maior participação comunitária nas decisões e integração intersetorial. O reconhecimento de demandas antes invisíveis orientou intervenções mais alinhadas às realidades do território. A proposta está em andamento, com novas ações previstas até o final do ano.

Considerações Finais



A experiência evidencia que a escuta ativa, compreendida como eixo clínico, ético e político, fortalece vínculos, qualifica o planejamento e amplia a participação social. Ouvir o território não é apenas acolher, mas reconhecer sua potência como parceiro estratégico na construção de um SUS vivo, democrático e centrado nas necessidades reais da população.